

UMA LEITURA, PELO VIÉS DA RECEPÇÃO, SOBRE ALGUNS PREFÁCIOS E INTRODUÇÕES DE ANTÔNIO CANDIDO

NELSON DE JESUS TEIXEIRA JÚNIOR¹

RESUMO:

Este texto busca indicar e discutir as formas (em alguns casos, métodos) que o crítico literário Antônio Candido apresenta no seu exercício crítico ao lidar com a análise literária em alguns de seus livros – *Formação da literatura brasileira*, *Na sala de aula*, *Noções da análise histórico-literária* e *Literatura e sociedade*. Busca-se, ainda, verificar as relações existentes entre sua forma de abordar os textos literários à de alguns teóricos e críticos que tratam sobre o processo de recepção da obra literária. Tais reflexões serão concentradas nos prefácios e introduções dos citados livros, espaços em que esse crítico literário brasileiro apresenta algumas de suas orientações metodológicas.

PALAVRAS-CHAVE: Crítica literária; Antônio Candido; Recepção.

RESUMEN:

Este texto busca indicar y discutir las formas (en algunos casos, métodos) que el crítico literario Antônio Candido presenta en su ejercicio crítico al lidiar con el análisis literario en algunos de sus libros - *Formación de la literatura brasileña*, *En el aula*, *las análisis histórico-literario* y *la literatura y la sociedad*. Se busca, aún, verificar las relaciones existentes entre su forma de abordar los textos literarios a la de algunos teóricos y críticos que tratan sobre el proceso de recepción de la obra literaria. Tales reflexiones serán concentradas en los prefacios e introducciones de los citados libros, espacios en que ese crítico literario brasileño presenta algunas de sus orientaciones metodológicas.

PALABRAS CLAVE: Crítica literaria; Antônio Candido; Recepción.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

¹ Doutor em Letras pela Universidade Estadual Paulista - UNESP, campus de São José do Rio Preto – SP. Professor de “Estágio em Letras” na Universidade do Estado da Bahia – UNEB, campus de Barreiras – BA. njtjunior@uneb.br

Para ser franco, sempre tive mais intuição do que método. No tempo a que alude, eu me interessava pelo vínculo da produção literária com a vida social, procurando determinar a sua função. (CANDIDO, 2010).

Em entrevista cedida à *Revista CULT*, Antônio Candido (2010) indica um pouco da sua forma de abordagem do texto literário, entretanto o que o crítico apresenta como intuição não surge do seu imediato olhar sobre o texto literário, mas, sobretudo, da experiência crítica construída por ele no decorrer de sua vida, visto que nessa mesma entrevista ele informa que já lia textos críticos em sua adolescência, o que reforça a importância de sua elaboração crítica sobre a literatura.

Desse modo, o texto em questão busca apontar, também, o caráter dialógico de parte das abordagens críticas sobre a recepção da obra literária às formas de análise crítica utilizadas por Antônio Candido. Para tanto, discutiremos sobre alguns de alguns de seus prefácios e introduções organizados, mais precisamente nos seus livros *Formação da literatura brasileira*, *Na sala de aula*, *Noções da análise histórico-literária* e *Literatura e sociedade*.

ALGUNS ECOS EM DETERMINADOS PREFÁCIOS E INTRODUÇÕES DE ANTÔNIO CANDIDO...

Hans Gumbrecht (2002) faz uma reflexão sobre a importância da *Estética da Recepção* alemã em nível nacional e internacional, reconhecendo sua “influência” sobre os estudos teóricos e críticos posteriores. Recupera-se, aqui, o momento em que esse alemão indica sua extensão aos estudos posteriores: “Neste processo, cada trabalho precedente torna-se um fator de condicionamento de cada leitura subsequente.” (GUMBRECHT, 2002, p. 1007). Tal afirmação possibilita, pelo menos inferir, que tais estudos sobre a recepção provocaram efeitos naqueles que faziam crítica literária, seja pelas referências alemãs usadas nos escritos posteriores a sua chegada no Brasil (por

volta de 1979), seja pelas inferências² no ato de abordar o objeto literário até muito antes dessa data, como pode ser “coincidentemente” o caso do crítico Antônio Candido em alguns de seus livros.

Antônio Candido (2007) representa um dos maiores críticos da literatura brasileira na contemporaneidade, o que reforça, ainda mais, a necessidade de se refletir sobre sua maneira de realizar tal exame sobre a obra literária. Na introdução de *A formação da literatura brasileira* ele apresenta, entre as várias informações que o leitor usará para compreender a obra, uma que aponta para alguns denominadores “intrínsecos” e “extrínsecos” da literatura e que fazem parte do que ele chama de “aspecto orgânico da civilização”:

[...] um conjunto de produtores literários mais ou menos conscientes do seu papel; um conjunto de receptores, formando os diferentes tipos de público, sem os quais a obra não vive; um mecanismo transmissor, (de modo geral, uma linguagem, traduzida em estilos), que liga uns aos outros. (CANDIDO, 2007, p. 23).

Nessa forma organizada por Candido (2007) ao realizar sua crítica, o autor traz o “sistema” como conceito de organicidade do fenômeno literário, desse modo, o autor, a obra e o leitor não serão tomados como referenciais isolados, mas, interrelacionados de modo que viabilizarão a compreensão da formação de nossa literatura. Tal perspectiva escolhida parece guiar o olhar do atento crítico sobre a literatura nacional, visto que esse tripé termina sendo recuperado em muitos dos seus textos posteriores.

Esse “sistema” indicado pelo autor apresenta certa aproximação ao processo de enunciação levantado por Mikhail Bakhtin (1992), o qual apresenta o processo de enunciação como um produto da interação entre indivíduos socialmente organizados, ainda que o interlocutor seja uma virtualidade representativa da comunidade:

² Nesse caso, as inferências podem ser mapeadas a partir da forma como o objeto literário é lido por Antônio Candido, o qual aborda a literatura a partir de um viés que o aproxima dos estudos das *Estéticas da Recepção* que surgiram oficialmente (pois as discussões que levaram a esse momento antecedem o ano de 1960, com as reflexões sobre os limites dos estudos hermenêuticos tradicionais) na Alemanha nos finais da década de 1960.

[...] toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. (BAKHTIN, 1992, p. 113).

Nesse caso, o ato de interagir, segundo essa perspectiva, caminha para um retorno ao campo da leitura, o texto e o leitor deixam de ser elementos separados da análise, passando a ser constituintes do mesmo processo de comunicação, conforme indicado, também, em *A formação da literatura brasileira*.

Na mesma obra citada, algumas páginas seguintes, Antônio Candido (2007) apresenta um esclarecimento sobre a maneira como ele discute a história da literatura no Brasil, entretanto mais que um esclarecimento, as palavras do crítico indicam mais um de seus sóbrios métodos utilizados no exercício crítico em questão. Seguem as palavras do autor:

O fato de ser um livro de história literária implica a convicção de que o ponto de vista histórico é um dos modos legítimos de estudar literatura, pressupondo que as obras se articulam no tempo, de modo a se poder discernir uma certa determinação na maneira por que são produzidas e incorporadas ao patrimônio de uma civilização. (CANDIDO, 2007, p. 29).

O autor recupera um de seus pensamentos, o de que na formação da literatura nacional os autores partem do que antes foi construído, e a ideia de sistema vale como algo interdependente. A citação acima indica, também, que na atividade de um crítico literário as obras não devem ser examinadas à luz pura e única do tempo presente, esse modo de recepção seria anacrônico. Tal cuidado é reforçado em outros momentos quando ele levanta a importância do crítico literário não impor a crítica à obra literária e, nesse caso, a lucidez estaria em relacioná-la a seu tempo, autor e público, não necessariamente nessa mesma ordem.

Outra aproximação bastante forte é entre a do pensamento de Antônio Candido (2007) e a de Hans Robert Jauss (2002), e isso parece muito nítido, visto que o último problematiza a recepção no campo da leitura do texto ficcional, acrescentando ao processo da recepção o horizonte de expectativas. O horizonte de expectativas da obra,

que é o que interessa nesse momento, traz, em si, marcas do seu tempo como as da recepção, da aproximação ou distanciamento com as obras em circulação no mesmo período, bem como do receptor da época. Tais considerações não podem ser esquecidas no trato com a obra literária, pois tal feito provocaria reflexões equivocadas quanto à obra e seu público.

Vale lembrar que a presença do autor nesse “sistema” candidiano ou mesmo no “horizonte de expectativas” jaussiano não seria a recuperação ou predominância da inteligência autoral enclausurada em si mesma, como se a recepção fosse restringida ao acesso ao universo mental do autor. Ao contrário disso, a figura autoral entra mais como um dos caminhos que possibilitam a recepção, ou melhor, como esclarece Costa Lima (2002) ao refletir sobre a hermenêutica enquanto forma de recepção: “A intenção autoral importa como um dos elementos capazes de nos levar à reconstituição do propósito que originalmente animava a obra.” (LIMA, 2002, p. 92). Alguns dos elementos do conjunto em questão são o receptor, as condições de produção etc.

É preciso entender que até as décadas iniciais do século XX, no tocante às pesquisas textuais, havia uma preocupação hermenêutica voltada para o sentido do texto, com o olhar sempre direcionado à obra, a qual apontava para um significado aurático produzido pelo autor. Esse procedimento tornava o estudo da literatura algo limitado a uma das faces do texto³. Quando muito se afastava dessa preocupação, o foco de estudo evidenciava uma preocupação acerca do texto literário enquanto documento biográfico, histórico ou uma simples soma de influências literárias exercidas por leis estéticas. Nesse caso, o ofício do hermenêuta era, também, encontrar o sentido do texto, cabia a ele realizar sua atividade e apresentar o que o texto informava, a maioria dos críticos “modernos” contrapõem esse caminho, como é o caso de Antônio Candido.

Partindo para outro livro, a saber, *Noções de análise histórico-literária*, Antônio Candido (2005) continua apresentando na introdução um pouco da sua maneira de exercer a crítica literária. Na passagem em questão, o autor indica a necessidade de examinar a obra literária relacionando a “forma” à sua “condição de escrita”, o que coloca, de um lado, nos termos do autor, o estudioso da literatura, do outro lado, o leitor

³ Nessa leitura parcial e imposta, não deve-se esquecer da “autoridade” dos críticos contemporâneos como leitores que ampliam as possibilidades de recepção.

comum e amador. Segundo Candido (2005): “Na parte que toca do presente curso, será estudado o corpo da literatura e a sua história, que constituem, em relação aos segundos, aspectos acessórios, mas indispensáveis.” (CANDIDO, 2005, p. 14). Essa afirmação do autor reforça seu cuidado em ler a obra, tendo em vista que a análise indiscriminada não deve ser cometida no ato da recepção pelo crítico literário.

Umberto Eco (1992), em “Los limites de la interpretación”, discutindo sobre as especificidades de leitores, leituras e interpretações, aponta para alguns cuidados que devem ser tomados na recepção da obra literária. O autor, em consonância com o que foi apontado no parágrafo anterior por Antônio Candido, afirma que: “Deberíamos volver a considerar algunas de las corrientes que hoy se presentan orientadas a la interpretación. Por ejemplo, la sociología de la literatura privilegia lo que un individuo o una comunidad hacen con los textos.” (ECO, 1992, p. 32). Eco (1992) deixa claro que a interpretação não parte, ou pelo menos não deveria partir, de um ato solitário de quem aprecia a obra, ao contrário disso, indica limites que estão ao redor da obra, como as correntes sociológicas e literárias, bem como outros sistemas de produção e circulação externos à obra, desse modo, o estético mantém relação com o social.

No livro *Na sala de aula* Candido (1984) traz no prefácio mais uma explicação sobre o seu exame crítico empregado nos textos, dessa vez ele levanta uma discussão acerca de uma parte da natureza do texto literário, que é o leitor. Segue a passagem referida:

[...] o texto é uma espécie de fórmula, onde o autor combina consciente e inconscientemente elementos de vários tipos. Por isso, na medida em que se estruturam, isto é, são reelaborados numa síntese própria, estes elementos só podem ser considerados externos ou internos por facilidade de expressão. (CANDIDO, 1984, p. 6).

Nesses elementos internos, indicados por Antônio Candido (1984), está o leitor, a quem foi escrito o texto, diante disso, o crítico chama atenção para aquele que, de certa forma, está inserido na obra literária a partir de algumas estruturas discursivas, o que reforça a ideia de sistema indicada em outros momentos de seus escritos.

Wolfgang Iser (1999), por meio de seus estudos, aprofunda e teoriza a ideia de leitor implícito, o qual está desenhado no texto ficcional. Esse autor discute sobre o ato

da leitura e, também, a presença do imaginário, o que vai viabilizar a extensão desse ato que ultrapassa e antecede, e muito, a ação primeira de passar as vistas sobre o lido e ser nomeado de leitor: “Se o texto se completa quando o seu sentido é constituído pelo leitor, ele indica o que deve ser produzido; em consequência, ele próprio não pode ser o resultado.” (ISER, 1999, p. 9). A relação entre texto e leitor completa-se; mesmo com o texto sugerindo percursos, o resultado se concretiza com a operacionalidade (como, por exemplo, por meio do imaginário) do leitor sobre o texto. Entretanto, Antônio Candido vai além da ideia de um leitor construído pelas vias textuais, ele traz à discussão, também, a ideia de público, conforme percebe-se no parágrafo a seguir.

Em *Literatura e Sociedade* Antônio Candido (2006) antecipa no prefácio o que será esclarecido em um capítulo do mesmo livro, que é a ideia de público⁴. O crítico literário afirma que: “Os estudos deste livro (cuja primeira edição é de 1965) procuram focalizar vários níveis da correlação entre literatura e sociedade [...]”. (CANDIDO, 2006, p. 9). Dentro dessas correlações, entra o público, pois a obra literária não é escrita sem o vislumbre daquele que dará “vida” social aos escritos ficcionais, a saber, o público.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, tais relações apresentadas anteriormente não partem de um esforço em indicar possíveis leituras que, feitas, levariam a pensar no crítico literário Antônio Candido como um dos que anteciparam, por exemplo, a chegada dos estudos sobre a *Recepção* no Brasil, afinal, ele já indica uma fortuna de referências que fundamentam suas ideias e procedimentos. Para além disso, esse texto apresentou as aproximações entre os exames do crítico brasileiro a alguns pensamentos sobre a recepção existentes (antes, durante e/ou depois de muitos de seus escritos).

⁴ No capítulo “O escritor e o público”, Antônio Candido afirma o seguinte: “[...] um público se configura pela existência e natureza dos meios de comunicação, pela formação de uma opinião literária [...] escritor e obra constituem, pois, um par solidário, funcionalmente vinculado ao público[...]”. (CANDIDO, 2006, p. 86). Desse modo, o público é, também, parte integrante do ato da criação literária.

Afinal, não pode-se negar que Antônio Candido fazia um trabalho de recepção que mantinha aproximação aos estudos críticos e teóricos de seu tempo, o que amplia a importância de sua formação enquanto sociólogo e crítico literário, possibilitando, assim, aclarar o papel das leituras críticas e acadêmicas feitas a partir de suas formas de análise crítica utilizadas.



REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1997.

CANDIDO, Antônio. A vocação crítica de Antônio Candido. *Revista Cult*. São Paulo-SP, n. 61, 2010. Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2013/07/a-vocacao-critica-de-antonio-candido/>>. Acesso em: 28 abril 2015.

_____. *Formação da Literatura Brasileira*. Momentos decisivos 1750 - 1880. 11ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2007.

_____. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

_____. *Na sala de aula*. 8ª ed. São Paulo: Ática, 1984.

_____. *Noções da análise histórico-literária*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005.

ECO, Humberto. *Los limites de la interpretación*. Barcelona: Editorial Lumen, S.A., 1992.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *A teoria do efeito estético de Wolfgang Iser*. In.: LIMA, Luiz Costa. (Org). *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção – vol. 2*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético – vol. 2*. Tradução de Johannes Kretschmer. São Paulo: Editora 34, 1999.

JAUSS, Hans Robert. *A estética da recepção: colocações gerais*. In.: LIMA, Luiz Costa. (Org). *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção – vol. 1*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

LIMA, Luiz Costa. *Hermenêutica e abordagem literária*. In.: LIMA, Luiz Costa. (Org). *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção – vol. 1*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.